

# Um estudo sobre a permanência e a evasão na Educação a Distância

Rute Vera Maria Favero<sup>1</sup>, Sérgio Roberto Kieling Franco<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Educação– Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Av. Paulo Gama, s/nº prédio 12.201 - 7º andar  
90-046-900 – Porto Alegre – RS – Brazil

rutevera@escolatecnica.ufrgs.br, sergio.franco@ufrgs.br

**Abstract.** *The article describes a research carried out in distance education. In this experience it was our aim to investigate the evasion in this education system, distance education. The interactions were analysed in the light of some categories in order to identify the dialogues'conversations in the perspective of Paulo Freire's and Jean Piaget's theories. It showed the need of dialogue conversation between the participants so students don't evade.*

**Resumo.** *O artigo descreve a pesquisa feita em cursos na modalidade a distância, em que foi abordada a evasão na EAD, e as interações foram analisadas através de categorias que permitiam identificar a ocorrência de diálogo numa perspectiva freireana e piagetiana, mostrando a necessidade de diálogo entre os atores, para que permaneçam num curso desta modalidade.*

## A Educação a Distância e a Evasão

A Educação a Distância (EAD) não pode ser vista apenas como um paliativo para a educação presencial e, tampouco, como substituta da mesma. A Educação a Distância tem um importante papel social, a partir do momento em que amplia o acesso à educação, mas não se restringe somente a isto uma vez que contribui na qualificação e atualização dos profissionais da educação e auxilia na formação e constante qualificação em novas ocupações e profissões.

Estudos indicam que a evasão é maior em cursos à distância que presenciais . Considera-se evasão a desistência do curso, incluindo os que, após terem se matriculado, nunca se apresentaram ou se manifestaram de alguma forma para os colegas e mediadores do curso, em qualquer momento. [Favero, 2006]

Conforme Rute Favero, são vários os fatores que intervêm na problemática da evasão [Favero, 2006]. Se for considerado que a maioria dos estudantes é formada por adultos entre 25 e 40 anos, que trabalham e estudam, percebe-se que uma das grandes causas da evasão é o cansaço que as pessoas sentem ao final do dia, impossibilitando-as de aprender na sua totalidade, independente do local onde esteja ocorrendo a aula. Porém, sabe-se que não é só o cansaço, após um dia de trabalho, o motivo pelo qual um aluno abandona um curso na modalidade a distância. O próprio desinteresse pela continuidade dos estudos, também é um elemento a ser considerado neste fato.

O diálogo que ocorre entre os educadores e educandos e entre os educandos, num ambiente virtual de aprendizagem, é essencial para a continuidade dos educandos dentro deste ambiente. A observação evidencia que o diálogo pode evitar a grande evasão que vem ocorrendo nestes ambientes. No diálogo há construção de

conhecimento tanto por parte do educador como do educando e esta construção está atravessada por aspectos, não só cognitivos, mas também afetivos.

## **O Diálogo na Educação**

Para Paulo Freire, o diálogo é condição essencial para a formação da consciência crítica e é construído na relação entre sujeitos.

O diálogo pode ocorrer em ambientes virtuais de aprendizagem através de textos na forma de mensagens por e-mail, chats, fóruns, diário de bordo. As formas de comunicação que permitem um diálogo são muito variadas e realizam-se através da linguagem, que tem como função a comunicação e o intercâmbio social. É através destes diálogos que as pessoas se mantêm “ligadas” e se percebem “vivas” e conectadas ao mundo. A comunicação dá sentido a vida das pessoas, como salienta Paulo Freire.

Não há comunicação sem dialogicidade e a comunicação está no núcleo do fenômeno vital. Nesse sentido, a comunicação é vida e fator de mais-vida. Mas, se a comunicação e a informação ocorrem ao nível da vida sobre o suporte, imaginemos sua importância e, portanto, a da dialogicidade, na existência humana no mundo. Nesse nível, a comunicação e a informação se servem de sofisticadas linguagens e de instrumentos tecnológicos que “encurtam” o espaço e o tempo. A produção social da linguagem e de instrumentos com que os seres humanos melhor interferem no mundo anuncia o que será a tecnologia [Freire 2004, p.74-75].

Os diálogos entre estas pessoas devem estar recheados de “conteúdos significativos”, para não ser uma mera conversa. Dialogar não seria uma mera ação “verbalista”, utilizando um termo usado por Paulo Freire, mas sim, uma conversa que gera conhecimento para todas as pessoas que estejam envolvidas neste diálogo.

Um educador, quando dialoga com seus alunos, não pode simplesmente “fazer comunicados”, “fazer depósitos” como diz Paulo Freire, ele deve comunicar-se com seus alunos, na intenção de que estes consigam aprender mais, mas isto só será possível se os alunos também participarem desse diálogo, e esse ato de dialogar deve possibilitar “construir significados” e isso será possível quando houver uma interação entre o que está sendo dito e os conhecimentos anteriormente estruturados, internalizados pelo sujeito, pois “a percepção da percepção anterior e o conhecimento do conhecimento anterior, a decodificação, desta forma, promove o surgimento de nova percepção e o desenvolvimento de novo conhecimento” [Freire 2003, p.110], pois “o saber tem historicidade. Nunca é, está sempre sendo” [Freire 2003, p.18].

Para se estabelecer um diálogo, é necessário que as pessoas envolvidas, os interlocutores, estejam interessados no que vão dizer e no que vão ouvir. Se não houver interesse por parte dos interlocutores, não haverá diálogo, pois, mesmo ouvindo, a pessoa não sedimenta, e o que ouve não o afeta, não causa desequilíbrio. Para que um educando consiga construir conhecimento, é necessário que se sinta desequilibrado em suas certezas e isto será possível através de um diálogo problematizador feito pelo educador

Num ambiente virtual, quando o educador mantém um diálogo com seus educandos, através de chats, fóruns, e-mails, etc., mantendo o interesse dos educandos aceso e colocando os textos (as mensagens) de forma problematizadora, mas também mantendo uma linha de afeto faz com que estes se sintam parte do processo como um todo. Enquanto os educandos se sentirem parte deste processo poderão colaborar para que haja sucesso e para que o aprendizado seja uma constante nesta relação. Desta

forma, a cooperação entre os interlocutores também faz parte do processo. Quando educandos e educadores “co-operam” entre si, possibilitam que surja um diálogo que permita novas construções.

Quando um educador for dialogar com seus alunos, é recomendável que ele leve em conta qual o nível de conhecimento deles, isto é, ele precisa estar aberto para o saber dos educandos e ter sensibilidade para reconhecer neste diálogo qual é o nível de conhecimento deles e, sendo este diálogo promovido a distância, em um ambiente virtual de aprendizagem, é necessário que o professor (educador) encontre, neste diálogo, alguma forma que permita a ele conhecer melhor os seus alunos. “Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se)” [Freire 1980, p.34]. Da inquietação dos educandos e educadores e através do respeito mútuo surge a revelação de ser e *ser-mais*.

“A dialogicidade é cheia de curiosidade, de inquietação. De respeito mútuo entre os sujeitos que dialogam. (...). No clima da dialogicidade, o sujeito que pergunta sabe a razão por que o faz. Não pergunta por puro perguntar ou para dar a impressão, a quem ouve, de que está vivo. (...) Dialogar não é tagarelar. Por isso pode haver diálogo na exposição crítica, rigorosamente metódica, de um professor a que os alunos assistem não como quem come o discurso, mas como quem apreende sua inteligência [Freire 2004, p.80-81].

Um educador deve promover o afeto entre os educandos e dele para os educandos, através dos textos utilizados para se comunicar. Conforme muito bem coloca Rubens Alves “toda a experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim *affecare*, quer dizer “ir atrás”. O afeto é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome” [Alves 2004, p.52]. Assim a interação, permitirá que educandos e educadores modifiquem a si próprios, assimilando e sedimentando novos conhecimentos.

Para haver diálogo é necessário haver reciprocidade. As pessoas devem estar conscientes de que estão dialogando e que não é apenas uma troca que estão fazendo entre si, mas sim colaborando, acrescentando no outro um pouco de si. Entre educadores e educandos também é necessário que exista esta reciprocidade, pois “não se ensina, aprende-se em reciprocidade de consciências” [Freire 2003, p.12].

Buscando mais subsídios para entender o diálogo e para entender os processos de aprendizagem coletiva, buscou-se aporte na teoria piagetiana, com o intuito de dar uma conotação cognitiva à abordagem de Paulo Freire.

Para Piaget, a aprendizagem se dá a partir da assimilação que o sujeito faz do objeto aprendido. Esta aprendizagem sofre uma acomodação e pode gerar a equilíbrio, para depois ocorrer um novo desequilíbrio, onde tudo se inicia novamente. Para que isto ocorra é necessário que o sujeito interaja com o objeto, que nesse caso pode ser o material disponibilizado no ambiente e também os outros sujeitos de seu conhecimento. Na interação entre estes, se constrói o conhecimento.

Nesse enfoque, a função do educador é propiciar situações que permitam a interação entre ele e os educandos e entre os educandos, pois a interação social favorece a aprendizagem e, no que tange a isto, esta é uma idéia que fortalece o que Paulo Freire

preconiza. Da mesma forma que para Freire, para Piaget um sujeito tem mais chances de aprender quando aprende a agir cooperativamente, na relação com o outro, onde estes podem dialogar na busca de um novo conhecer, fortalecendo as trocas que ocorrem.

Enquanto educandos e educadores “co-operarem” entre si possibilitarão o surgimento de diálogos que permitem novas construções. “Chamamos cooperação toda a relação entre dois ou  $n$  indivíduos iguais ou acreditando-se como tal, dito de outro modo, toda relação social na qual não intervém qualquer elemento de autoridade ou de prestígio” [Piaget apud Montangero & Maurice-Naville, 1998, p.120-121].

Se, para haver diálogo, é necessária a presença de duas ou mais pessoas (presencial ou virtualmente), estas pessoas devem interagir entre si para que este seja possível. Esta interação, que usa uma linguagem pré-estabelecida pelo grupo, permitirá que educandos e educadores se modifiquem mutuamente, assimilando e sedimentando novos conhecimentos, a partir dos conhecimentos anteriormente estruturados e internalizados.

Além dos fatores orgânicos, que condicionam do interior os mecanismos da ação, toda conduta supõe, com efeito, duas espécies de interações que a modificam de fora e são indissociáveis uma da outra: a interação entre o sujeito e os objetos e a interação entre o sujeito e os outros sujeitos (...) cada interação entre sujeitos individuais modificará os sujeitos uns em relação aos outros [Piaget 1973, p.34, 35].

O respeito entre os interlocutores deve estar presente nestas relações, pois só assim poderá haver cooperação, onde os sujeitos participam e colaboram entre si. “A cooperação fundada na igualdade, é uma forma ideal de relações entre indivíduos. Ela implica o respeito mútuo, o princípio de reciprocidade e a liberdade ou a autonomia de pessoas em interação” [Montangero & Maurice-Naville 1998, p.122]. Nestas relações os interlocutores estabelecem suas regras de comunicação, criando um compromisso em relação aos outros.

A motivação também deve estar presente nos educandos para que estes não sejam levados a abandonar o projeto ao qual fazem parte (um curso, uma disciplina, etc.). Neste sentido, um educador pode colaborar bastante se construir um diálogo coletivamente, com seus educandos, através de chats, fóruns ou outros tipos de comunicação que são permitidas nos ambientes virtuais.

Numa relação onde exista o diálogo, deve prevalecer um equilíbrio entre as trocas que são feitas, onde a escala de valores deve ser a mesma a todos, além de uma reciprocidade entre os sujeitos (educandos e educadores). Para Piaget,

o fato social se apresenta sob a forma de valores de troca. O indivíduo por ele mesmo conhece certos valores, determinados por seus interesses, seus prazeres ou seus esforços e sua afetividade em geral: tais valores são espontaneamente sistematizados graças aos sistemas de regulações afetivas e estas regulações tendem para o equilíbrio reversível caracterizando a vontade (paralelamente às operações intelectuais) [Piaget 1973, p.37].

E Piaget (1973, p.111) continua dizendo que “o equilíbrio das trocas assim caracterizado comporta, pois, essencialmente um sistema de normas, em oposição às simples regulações”.

Da mesma forma, como afirma Paulo Freire, também para Piaget o diálogo prescinde da reciprocidade: “em troca a reciprocidade só é possível entre sujeitos

individuais capazes de pensamento equilibrado, isto é, apto a esta conservação e a esta reversibilidade imposta pela troca”, [Piaget 1973, p.113].

A obra de Paulo Freire foi o referencial teórico usado nesta pesquisa. Contou também com o aporte de Piaget, para uma análise entre os dois autores, visando dar maior cientificidade ao estudo. A importância das relações e dos diálogos mantidos entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem foi o fator fundamental.

## **A Pesquisa**

Para a pesquisa, foram analisados vários ambientes virtuais de aprendizagem e comunidade virtuais onde alunos participavam, mas a análise efetiva foi realizada num curso a distância, oferecido através do Ambiente Teleduc, onde existem diversas ferramentas disponibilizadas que permitem uma maior interação, observando-se as trocas ocorridas entre os atores dos cursos. Esta experiência levou à constatação de que a educação a distância necessita vestir-se de um caráter humano, mantendo o vínculo professor-aluno, como condição para manter o interesse deste segundo. Assim, após as análises realizadas nos ambientes e comunidades virtuais, este estudo teve como foco verificar se o diálogo pode ajudar a diminuir a evasão dos alunos dos ambientes virtuais de aprendizagem.

Foi feito um Estudo de Caso, a fim de se alcançar maior compreensão do caso pesquisado e permitir escolher um foco mais preciso para averiguação dos dados coletados. Foi empregada a abordagem qualitativa e também, a abordagem quantitativa uma vez que os dados seriam analisados através de categorias e, portanto, requeria um grande volume de dados. Todos os dados foram organizados em tabelas para uma melhor visualização do todo e por permitir uma ordenação lógica dos dados.

Durante o curso, 36 alunos tiveram participação ativa no ambiente, isto é, participaram enviando e respondendo e-mails, respondendo aos fóruns, postando no mural, diário de bordo e portfólio. Destes, 19 foram os concluintes/aprovados, isto é, os que obtiveram o certificado de conclusão do curso.

Os dados coletados para a análise advieram das interações realizadas entre os participantes, durante a realização do curso. As interações ocorreram através dos fóruns, chats (bate-papo), e-mails, diários de bordo e mural. Sempre que, nas interações, foram percebidas ocorrências de diálogo, estas foram separadas para análise posterior, onde as mesmas seriam avaliadas segundo as categorias que foram estabelecidas, a partir da revisão teórica realizada.

As categorias a seguir relacionadas são consideradas indicadores de diálogo, segundo Paulo Freire e Piaget: Cooperação, Equidade na Relação, Geração de Conhecimento, Participação Contínua e Incentivo. Considerou-se que os sujeitos da pesquisa estavam envolvidos no que se pode definir como sendo diálogo, desde que estivessem ocorrendo, simultaneamente, todas as categorias.

Para Paulo Freire, ocorre **cooperação** entre os interlocutores, quando os envolvidos passam a se ajudar mutuamente, objetivando um fim comum, portanto, foi considerado que havia cooperação, sempre que se identificou que os sujeitos da pesquisa estavam se ajudando e colaborando entre si, e ajudando e colaborando com o grupo como um todo, isto é, estivessem auxiliando os colegas em suas dúvidas, ou expondo suas idéias e estas servissem para construir um conhecimento coletivo.

Para estabelecer quais alunos cooperaram, fez-se um levantamento de todas as interações observando a ocorrência desta categoria.

**Tabela 1. Ocorrências na categoria Cooperação**

COOPERAÇÃO																				
NOME	RACL *	FCL *	MSA *	AFR *	LCCS *	MGPP *	EACN *	FGX *	EDG	SB	VES *	VLK *	AACT	ASMSS *	IRS *	JASC *	MESS *	WKC *	CNT *	ZCGS *
C	19	17	14	9	8	7	5	5	3	3	3	3	2	2	2	2	2	2	1	1

Os alunos que aparecem com um asterisco (\*) ao lado do nome, são os alunos que foram aprovados, isto é, que concluíram o curso. Pode-se perceber que foram os que mais cooperaram durante o curso.

**Equidade na relação** foram identificadas nas interações ocorridas quando os sujeitos da pesquisa se envolveram numa relação de respeito mútuo com deveres e obrigações de um lado e direitos, compensações e retribuição de outro, mantendo uma horizontalidade na relação. Ao procurarem dialogar, as pessoas se revelam e se abrem para receber e dar bem mais do que simples informações. O diálogo não é dominação, não há diálogo se não houver humildade e a “dialogicidade é cheia de curiosidade, de inquietação. De respeito mútuo entre os sujeitos que dialogam” [Freire 2004, p.80], portanto, novamente isto também é um indicativo que pode estar ocorrendo diálogo.

Em todas as conversas mantidas durante o curso, percebeu-se que sempre ocorreu um respeito mútuo entre os alunos e entre os alunos e formadores. A equidade se manteve em 100% dos casos.

Entendeu-se por **geração de conhecimento** sempre que, numa ordem temporal, apareceu um nível de explicitação sobre um determinado tema e depois isto passou a aparecer numa estruturação mais complexa, permitindo reconhecer que o educando conseguiu um melhor entendimento do que estava sendo exposto durante o curso ou quando, por depoimento, o aluno admitiu que aconteceu conhecimento, devido à colaboração dos outros. Para Paulo Freire (2003), dialogar significa manter uma conversa que gera conhecimento para todas as pessoas que estejam envolvidas.

**Tabela 2. Ocorrências na categoria Geração de Conhecimento**

GERAÇÃO DE CONHECIMENTO																	
NOME	FCL *	MSA *	AFR *	ASMSS *	AACT	CNT *	EACN *	EDG	FGX *	MGPP *	RACL *	RV *	AJP	IRS *	MGRH	SB	WKC *
GC	6	5	4	4	3	2	2	2	2	2	2	2	1	1	1	1	1

A **participação contínua** foi observada levando-se em conta a contigüidade de interações efetuadas pelos alunos durante a realização do curso, considerando-se a participação desde o início ao fim do curso, mas sempre se observando se o educando participava constantemente e, preferencialmente, em todas as ferramentas ofertadas, independente do tipo de interação que tenha sido efetuada. No ambiente, eram postadas tarefas, de tempos em tempos. O educando precisava ter participado destes fóruns, por exemplo, e dos chats marcados, além de participar ativamente dos grupos, quando estes foram criados para a realização de uma determinada tarefa, isto é, para se observar a participação contínua levou-se em conta a quantidade de vezes que houve participações em diferentes ferramentas. O fato de se considerar, pelo menos, três ferramentas, é por

se julgar que, se o aluno participou de três ferramentas ele deveria ter feito quase todas as tarefas solicitadas.

**Tabela 3. Ocorrências na categoria Participação contínua**

ALUNOS COM PARTICIPAÇÃO CONTÍNUA																				
A A C T	A F R *	A J P	A S M S S *	C N T **	E A C N *	E D G	F C L *	F G X *	I R S *	J A S C *	L C S *	M G P *	M J N	R A C L *	R V *	S B	V E S *	V L K *	W K C *	Z C G S *

**Incentivo** foi considerado sempre que ocorreu, seja através de colegas, seja através dos professores, o ato de motivar, onde os interlocutores (educandos e educadores) incentivavam seus colegas ou alunos a continuarem a participar do curso, interagindo e realizando as tarefas solicitadas no mesmo, indicando-lhes a importância da participação e continuidade dos mesmos para o sucesso de todo o processo. O incentivo era feito, também, através de convites para participar dos grupos criados, com a finalidade de realizar determinadas tarefas que eram solicitadas. Os educandos eram convidados também a participarem mais ativamente dos fóruns com a intenção de tornar a discussão mais interessante. Este incentivo poderia ser feito através de e-mails, diretamente a um educando, ou a um grupo deles.

**Tabela 4. Ocorrências na categoria Incentivo**

INCENTIVO																			
NOME	MGPP *	ASMSS *	FCL *	MSA *	RACL *	LCCS *	MJN	EACN *	EDG	FGX *	AACT	AFR *	JASC	REA	CNT *	IRS	VES *	VLK *	WKC *
I	7	6	5	5	5	4	4	3	3	3	2	2	2	2	1	1	1	1	1

Este é um resumo do que ocorreu no curso:

**Tabela 5. Situação geral dos alunos, no curso**

Qtde de alunos ...	QTDE	%
Inscritos	53	
Matriculados	48	100%
Que tiveram uma participação efetiva	36	75%
Que não tiveram nenhum acesso	4	8,3%
Que acessaram, mas não participaram	8	16,7%
Que tiveram participação contínua	21	43,8%
Que foram aprovados/concluintes	19	39,6%
Que possibilitaram a ocorrência de diálogo	16	33,3%
Que evadiram	29	60,4%

Como se pode ver, o percentual de evasão é muito alto. Este foi um problema que permeou o curso, durante sua duração. Dos 48 alunos matriculados, 43,8% tiveram participação contínua e destes 76% foram aprovados. Dos 16 que possibilitaram a ocorrência de diálogo, 81% foram aprovados.

Dos 36 alunos que tiveram participação efetiva, no curso, 17 tiveram um crescimento na sua aprendizagem

Pode-se afirmar que a ocorrência de diálogo e a participação contínua foram um diferencial entre os alunos que concluíram o curso.

### **Considerações Finais**

Iniciou-se esta pesquisa para saber se o diálogo, isto é, se as interações mantidas num Ambiente Virtual de Aprendizagem, entre educando/educador e educando/educando, influenciavam no crescimento do aprendizado e na permanência dos educandos/alunos num curso ou disciplina na modalidade a distância.

O estudo feito permitiu ver que o problema da evasão é uma realidade e quase todas as instituições que oferecem cursos na modalidade a distância, senão todas, enfrentam este problema.

Sabe-se que, num Ambiente Virtual de Aprendizagem, podem ocorrer interações entre os próprios educandos e entre educandos e educadores. Quando um Ambiente Virtual de Aprendizagem permite estas interações é possível que ocorra o diálogo entre estes sujeitos. O ambiente estudado permitia interações, utilizando-se vários recursos para isto. Na pesquisa realizada, percebeu-se que pode existir diálogo ao se utilizar as ferramentas oferecidas no ambiente. Desde que os alunos sejam instigados, eles respondem ativamente e passam a participar efetivamente, cooperando com os colegas, incentivando-os e, também, desenvolvendo-se intelectualmente. Ao se sentirem parte do processo, ao perceberem que não estão sozinhos e ao perceberem que estão aprendendo, os educandos permanecem fazendo parte deste processo até o final. Eles se motivam e continuam, não evadindo.

Ao se desenvolver um curso é importante que o diálogo seja levado em conta, por permitir um crescimento no aprendizado e uma menor evasão dos educandos. Pretende-se acima de tudo, chamar a atenção para o maior interessado nesta modalidade de educação, o aluno, como ele sempre deve e deveria ter sido visto: o centro disto tudo, o maior motivo pelo qual se está trabalhando na melhoria da educação, para que se possa, realmente, ter uma educação com a qualidade que este sujeito merece. Um sujeito pensante e afetivo, que busca crescer e SER

### **Referências**

- Alves, R. (2004), Ao professor, com o meu carinho, Verus, 4ª edição.
- FAVERO, Rute Vera Maria. (2006), Dialogar ou evadir: Eis a questão!: Um estudo sobre a permanência e a evasão na Educação a Distância. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Ufrgs, Porto Alegre.
- Freire, P. (2004), À sombra desta mangueira, Olho D'Água, 4ª. edição.
- Freire, P. (1980), Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire, Moraes.
- Freire, P. (2003), Pedagogia do Oprimido, Paz e Terra, 36ª edição.
- Montangero, J. e Maurice-Naville, D. (1998), Piaget ou a inteligência em evolução, ARTMED.
- Piaget, J. (1973), Estudos sociológicos, Forense.